

CIBERVIOLÊNCIA E RESSIGNIFICAÇÃO DISCURSIVA: O ÓDIO CONTRA A UNIVERSIDADE BRASILEIRA¹

[DOSSIÊ]

Samuel Ponsoni

Universidade do Estado de Minas Gerais

¹ Cumpre, honrosamente, dizer que este artigo foi produzido no âmbito de fomento da Bolsa de Produtividade, PQ, Chamada 01/2021, proporcionado pela UEMG, a quem agradecemos. Agradeço também, especialmente, a grande amiga de vida acadêmica, Julia Lourenço Costa, pela leitura fina e pelas excelentes contribuições, aqui e sempre!

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

A partir de bases teóricas bem específicas, a saber a análise do discurso de matriz francesa, ampliada por meio de noções do conceito de ciberviolência e ressignificação discursivas, costuradas, sobretudo, pelas formulações teóricas de Marie-Anne Paveau, este artigo visa compreender como os denominados discursos de ódio, produzidos por diversos posicionamentos políticos nas mídias digitais, especificamente contra ciência, saberes científicos e contra a própria universidade brasileira, são ressignificados em discursos contra os agressores, criando, assim, imagens discursivas positivas e resistentes aos agredidos inicialmente. Portanto, é dessas questões que buscamos o principal objetivo deste trabalho.

Palavras-chave: Discurso de ódio. Ressignificação discursiva. Respostas-resistências.

From very specific theoretical bases, namely the extended French-matrix Discourse Analysis, using notions-concepts of discursive cyber-violence and re-signification, weaved, above all, by the theoretical formulations of Marie-Anne Paveau, this study aims to understand how so-called hate discourses produced by various political positions in digital media against science, scientific knowledge, and the Brazilian university itself, undergo resignification in discourses against the aggressors, thus creating positive and resistant discursive images for those who were initially attacked. Therefore, these issues constitute the main objective of this research.

Keywords: Hate discourses. Discursive resignification. Response-resistance.

Desde bases teóricas muy específicas, a saber, el análisis del discurso de matriz francesa, ampliada mediante las nociones del concepto de ciberviolencia y de resignificación discursiva, costuradas, sobre todo, por las formulaciones teóricas de Marie-Anne Paveau, este artículo pretende comprender cómo los llamados discursos de odio, producidos por diversas posiciones políticas en los medios digitales, específicamente contra la ciencia, el conocimiento científico y la propia universidad brasileña, se resignifican en discursos contra los agresores, creando así imágenes discursivas positivas y resistentes a los agredidos inicialmente. Por lo tanto, de estas cuestiones surge el objetivo principal de este trabajo.

Palabras clave: Discurso del odio. Resignificación discursiva. Respuesta-resistencia.

Uma leitura possível para ascensão do discurso de ódio no Brasil

O processo democrático² brasileiro, a partir dos debates postos a circular no pós-ditadura civil-militar (1964-1985), sobretudo depois de movimentos como Diretas Já e Assembleia Constituinte³, trouxe uma série de desafios à conjuntura política brasileira. Por um lado, havia um esgotamento interno dos anos totalitários, esgotamento esse por cercear as já mínimas garantias democráticas, isto é, liberdade de expressão, multipartidarismo, adesão e engajamento em movimentos sociais, sufrágio regular, entre outros. Por outro lado, havia um esgotamento externo, ou seja, com o mundo bipolar perdendo as condições históricas e objetivas

2 Não iremos discutir, neste artigo, as concepções de democracia existentes em diversos estudos dentro das ciências sociais e humanas. Tomamos com pressuposto a democracia liberal-burguesa, por entendermos ser a prática corrente de compreensão e a democracia vigente: livre-mercado, propriedade privada, liberdades de expressão, ir e vir e direito ao sufrágio universal, com eleições regulares e multipartidarismo, entre outras formas de participação e organização político-social.

3 Do ponto de vista histórico, diversas sucessões de acontecimentos culminam nas campanhas das "Diretas já". Com a revogação do AI-5, a Lei de Anistia, o retorno dos exilados políticos e a volta do plurepartidarismo indicavam que a sociedade brasileira já experimentava seus primeiros passos para a abertura política, no início dos anos 1980. Além disso, as greves dos metalúrgicos na região do ABC, na grande São Paulo, no final dos anos 1970, também foram simbólicas mostrando que as campanhas salariais se tornariam uma forma de luta eficiente contra o regime e para a mobilização da sociedade civil. Esse movimento abriu espaço para uma reconstrução à brasileira – com bastante fisiologismo e a chamada conciliação de classe – que culminou, após dois anos de debates, na Constituição Federal de 1988.

para manter e sustentar a sangue as ditaduras na América Latina.

Nesse sentido, de 1985 até os dias atuais, pode-se dizer que o Brasil passou por diversas fases, enviesadas pelos poderes que se constituíam em torno do Estado. A fase pós-eleição de 1989 teve a ascensão do projeto de implementação do neoliberalismo do capital global, obedecendo à política Thatcher-Reagan, com um Estado político global neoliberal. Esse período pode ser representado pelo governo de Fernando Collor, o qual, depois de uma série de denúncias de corrupção, bem como um enfraquecimento político, sofre processo de *impeachment* em 1992 e, antes do desfecho do processo, renuncia, ainda em 1992.

De 1993 até 1995, ascende novamente o elemento conciliador e fisiologista da política, como nos movimentos dos anos 1980. Assim, estabiliza-se e acomoda-se a posição política no Estado, por meio de programas econômicos, durante o governo de Itamar Franco (1993-1994), sucedido pelo governo Fernando Henrique Cardoso. Nesse período em específico, o projeto neoliberal do capital encontra uma tradução bastante produtiva no Brasil, em que a financierização da economia e da política abre espaço para uma diminuição do papel do Estado na governança social, com as privatizações de grandes estatais, tais como nos setores de aviação, mineração e telecomunicações (leia-se loteamento do Estado aos donos do meio de produção privada do capital).

De qualquer forma, assentava-se ali um modelo bem-sucedido de acomodação política, econômica e, mais ainda, nos imaginários discursivos relacionados

à benevolência e eficácia dos projetos que, diminuindo Estado e concentrando capital, acabava por esgarçar ainda mais a já histórica e presente desigualdade em diversas classes sociais.

Porém, o ódio entre classes, na frágil configuração social brasileira, não cessava de buscar se encarnar. Podemos citar diversos acontecimentos de grande repercussão nesse período narrado acima: massacre do Carandiru, chacina da Candelária, Eldorado dos Carajás, entre outros. Os massacres surgem com a perspectiva do aval social, mas acabam, pela conjuntura, fracassando em “pegar” socialmente.

Com a ascensão do Partido dos Trabalhadores, o Estado passou de uma relativa pacificação, à revilia das classes, entre economia e política, e por uma tentativa de mudanças no projeto que desenvolvesse desde o final dos anos 1980 até início da década de 2000.

Durante os governos petistas, especialmente nos anos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tem-se um chamado neodesenvolvimentismo, aos moldes possíveis e conjunturais brasileiros, em que se tem:

[...] o “período áureo” do que se convencionou chamar, entre as esquerdas ideologicamente comprometidas com o projeto do Partido dos Trabalhadores, de “neodesenvolvimentismo”. Particularmente, o segundo mandato de Lula da Silva foi marcado por condições externas favoráveis, com liquidez internacional, baixas taxas de juros e crescimento da economia chinesa, aliado às políticas previstas no Plano Plurianual (PPA/2004-2007), de valorização do consumo de massas e

ampliação do mercado interno, estimulando a formalização do mercado de trabalho e promovendo a chamada “inclusão social”, crédito pessoal e programas de transferência de renda, em especial, o Programa Bolsa Família, que produziram importantes efeitos sociais, com redução de 17,8% do índice de Gini. Tratou-se, pois, de uma espécie de “crescimento baseado no consumo”, ancorado em fortes gastos de investimentos em infraestrutura, em políticas anticíclicas, baseadas na desoneração fiscal, ampliação dos gastos públicos e de recursos voltados para o seguro-desemprego, além de medidas de emergência voltadas para setores estratégicos, a exemplo do setor automotivo, quando a crise financeira de 2008 se fez sentir no país (CARLEIAL, 2015, p. 204-205 apud FIRMIANO, 2016, p. 589-590).

Como observamos pela citação, há, ainda que de muitas formas questionáveis, sobretudo em uma crítica à esquerda, como o faz Firmiano (2016), um elemento novo naquilo que vinha se desenhando na política de Estado do Brasil desde o fim da ditadura: a inserção no jogo social de novos atores, uma classe de outrora totalmente invisibilizados para, à época descrita, parcialmente invisibilizados.

Porém, a partir da ascensão, em 2002, de uma força política de Estado que, ao menos do ponto de vista histórico, mas nem sempre do ponto de vista da práxis, esteve ligada a ideais à esquerda das ideologias, é que se tem a materialização e a corporificação de estereótipos que dão vida ao ódio. Com a ascensão de um governo de “esquerda”, que, conforme se coloca linhas acima, buscou ampliar as bases de consumo

e participação de setores importantes da sociedade, com política de crédito, política de ações afirmativas, créditos estudantis, consumo de massa e bens do capital, projetos imobiliário etc., parece que há uma certa “quebra” do idílico mito da docilidade e pacificação brasileira, mantido por uma estrutura rígida entre classes, em que uma massa trabalhadora pobre e uma massa de pessoas na extrema pobreza e marginalização se encontram permeadas por uma classe média que vive o mito burguês de um dia poder ser uma elite rica, o mito que de classe que nunca se chegará.

Dito de outro modo, uma classe média brasileira que se vê ameaçada em, além de não poder ascender ao mundo elitista que emula, ter de dividir espaços físicos e simbólicos com uma massa gente que ela julgava ser melhor e estar a salvo, aumentando tensões e ódios. Associado a isso, a partir de 2007⁴, há o papel aglutinador de ódios/autoritarismos pavimentados pelos encontros, em redes sociais, de pensamentos semelhantes no narcisismo virtual.

Sem dúvida, não queremos dizer aqui que anteriormente a esse período éramos um país livre de toda sorte de preconceitos, ódios de classe, entre outras questões. Todavia, com a não ascensão mínima daqueles que tinham direitos históricos a reivindicar, as tensões se mantinham, de certa forma, acomodadas.

4 Uma boa hipótese desse processo é a tradução das funções e ferramentas do Facebook a partir de 2007, facilitando o acesso e uso dos brasileiros.

Estavam a distância, como algo presente em livros, teorias e em algumas narrativas midiáticas. Ressalta-se, portanto, que o ódio – que sempre esteve entre nós, passado e presente –, materializa-se na atual conjuntura das lutas de classe como uma força que o leva ao futuro, puxando os rumores sociais. Ódio na eterna dialética de sempre existir.

Nesse sentido, um dos campos sociais (BOURDIEU, 2013) que mais tiveram os ódios direcionados a si foi, sem dúvida, os campos de atividade social ligado à ciência. Combate a toda forma de intelectualismo, a destituição da ciência como um discurso constitutivo (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008) passa a ser uma gramática latente nas interpretações e compreensões sociais. Ou seja, se há, de um lado, uma certa ascensão social de classes, e a ciência corrobora com teses, artigos, falas públicas, entre outros, apontando como caminhos corretos, mas não sem críticas, a serem seguidos, por outro lado, autores e pensadores tornam-se atacáveis pelos ódios e ressentimentos da luta pelos espaços simbólicos e físicos, como dito alhures.

Ao modo de produção brasileira, a intelectualidade é quase uma sinônima de ser identificado a ideologias de esquerda. E um dos locus heterotópicos (FOUCAULT, 2008) mais privilegiados para se canalizar ódios diversos, advindos não só, mas muito da inclusão de classes diversas e historicamente apartadas do processo de educação superior é, sem dúvida, a universidade e a quem a esse espaço de saber se liga, os universitários.

O ódio contra o saber científico e a universidade brasileira

O Brasil da segunda década do século XXI, tendo sido envenenado pelas diversas crises e impregnado de antipetismo/anti-intelectualismo, elegeu um presidente (e quase o reelegeu!) alinhado à tendência mundial: autoritário, preconceituoso, com forte discurso apelativo e moralista (de viés hipócrita) e despreparado para exercer a função que o cargo exige. Bolsonaro e, mais especificamente, o bolsonarismo⁵, que define determinada visão de mundo, está finalmente assentado em “ideias grotescas, racistas, homofóbicas e sexistas [...] retornando às piores origens do Brasil, reforçando preconceitos e a desigualdade social (CASARA, 2020, p. 122).

Além da extrema-direita, no Brasil representada por Bolsonaro/bolsonarismo, pela primeira vez chegar ao poder por meio do voto popular depois da redemocratização, apesar de encarnada de uma total intolerância ao diferente, as eleições de 2018, sobretudo, bem como a de 2022, exceto por seu resultado, passaram para a história por conta de uma série de acontecimentos que indelevelmente se inscreveram na memória discursiva do povo brasileiro. 2018 não se tratou de uma eleição disruptiva, mas da continuação, dessa vez por meio do voto, da política que foi implementada a partir

de 1964, quando os militares tomaram à força o poder no Brasil⁵, com um “gap” formal de 30 anos.

Assim, a governamentalidade de viés autoritário, quando assume o poder, além de questões mais empíricas, influencia também as próprias formas de ser, estar e agir no mundo de determinada classe. Nesse sentido, o autoritarismo é uma forma antidemocrática de exercer o poder, centrando em uma pessoa ou cultura a força de impor leis e ações centradas em um grupo, minorizando todos os demais.

Nessa forma de governamentalidade, os sujeitos, seus corpos e suas formas de vida são alvos de violências físicas e simbólicas, ora vistos como potenciais aliados a serem convertidos por meio da manipulação; ora como inimigos, pois se inscrevem em posicionamentos diversos, isto é, divergem em relação à identidade social e ideológica daqueles que detêm o poder. Assistimos, com a ascensão de Bolsonaro à presidência do Brasil, o massacre dos grupos já minorizados (tais como as comunidades LGBTQIAPN+, as coletividades negra e indígena e as mulheres, entre muitos outros), pois são instalados na dissimetria estrutural que é o alicerce do processo de dominação.

Essa postura autoritária e violenta está calcada em determinada visão de mundo, que procura sempre expandir, tendo já o apoio de algumas parcelas da sociedade brasileira. Com base em opiniões, sem fundamento científico, muitas informações falsas (*fake news*) e preconceituosas são produzidas e circuladas, criando um mundo ético (MAINGUENEAU, 2008)

⁵ Interessante pensar expressão bolsonarismo. Poucos políticos no Brasil conseguiram uma predicação que caracteriza um modo ontológico de ser e estar posicionado no mundo político. Um alargamento de sentidos, nos termos de Bréal. Talvez getulismo e lulismo tenham sido outras duas formas semelhantes do movimento da língua para posicionar-se politicamente.

específico que ancora os discursos de ódio de variadas ordens.

O reconhecimento mútuo entre enunciador e enunciatário, a partir da difusão do discurso de ódio, funda uma comunidade discursiva daqueles que partilham determinada leitura compreensão do mundo. Assim, cria-se um “mundo ético”, em que ambos habitam. Esse “mundo ético, ativado por meio da leitura, é um estereótipo cultural que subsume determinado número de situações estereotípicas associadas a comportamentos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 65).

Agrupados em comunidades discursivas específicas, os grupos que difundem o discurso de ódio fundam uma comunidade discursiva no sentido de que “os modos de organização dos homens e de seus discursos são indissociáveis; as doutrinas são inseparáveis das instituições que as fazem emergir e as mantêm” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 108). Dessa maneira, uma comunidade discursiva faz referência aos sujeitos que se inscrevem em determinada formação discursiva, compartilhando entre si visões de mundo específicas.

No contexto social em que grupos minorizados são implacavelmente atacados pelo líder da nação, discursos violentos e manipulação de informações podem exercer influência entre outros atores que apoiam as ideias do presidente. Esses apoiadores proeminentes podem deter o poder de ampliar os discursos violentos e difamatórios a fim de obter cobertura geral e difundir ideias fascistas.

As mídias sociais divulgam informações por meio de diversas ferramentas e ações. No mundo *on-line*, o algoritmo reconhece e aprende a relevância de uma informação por meio de “gostos” (para publicações no Facebook, Twitter e YouTube, por exemplo), encaminhamento de mensagens (no WhatsApp), as várias possibilidades de compartilhamento (com comentários, simples repostagem, retuíte etc.), e outras possíveis reações ao conteúdo compartilhado. Os algoritmos são projetados para divulgar e envolver as pessoas em conteúdo considerado importante e relevante de acordo com as reações recebidas. Entretanto, eles também podem ser vetores de desinformação e ódio. Os algoritmos podem ser entendidos como instituições que têm grande influência em eventos políticos e sociais e até em comportamentos humanos (EMPOLI, 2021).

Nesse contexto, muitos grupos, com base na opção de maior colaboração que a internet proporciona, tentam atacar grupos vulneráveis ampliando o alcance da visibilidade dessas mensagens. Assim, é possível produzir ódio e difamação anônima e validar essas ideias, compartilhando indiscriminadamente (muitas vezes com a ajuda de robôs) e alimentando “bolhas de ódio”.

As motivações para o ódio *on-line* estão relacionadas ao fato de que, nas mídias sociais, a fala é quase sem obstáculos e alinhada à “liberdade de expressão” que moldou a percepção em muitos usuários. Pode-se dizer que a observação de fenômenos como a propagação de discurso de ódio poderia nos ajudar a compreender as

ideologias e comportamentos conduzidos e validados por grupos de extrema-direita.

Como afirma Paveau (2021a, p. 62), a violência discursiva pode ser compreendida como um “ataque a alguém, humilhação e a transgressão dos valores da decência”. O ódio cibernético refere-se a um enunciado ofensivo, motivado, no todo ou em parte, pelo preconceito do escritor contra um aspecto de um grupo de pessoas. O discurso do ódio (*on-line* ou *off-line*) é muitas vezes dirigido a grupos minorizados que apresentam algumas características, como raça, etnia, gênero ou orientação sexual, mas também podem ser dirigidos a outros grupos específicos que, por influência do momento histórico, podem ser o alvo de preconceito.

As apresentações em torno do ódio *on-line* existem por diferentes razões e muitas vezes tentam alcançar resultados diferentes. Não é raro que grupos organizados tendam a promover e difundir ideologias odiosas de uma forma que parece credível. Uma rápida navegação na internet e, mais especificamente, nas redes sociais, faz com que nos deparemos com a ciberviolência e o discurso de ódio de variadas ordens e mobilizados em muitos espaços (*memes*, *hashtags*, *Gifs* etc.).

No âmbito dos estudos do discurso, nosso objetivo é compreender como determinado grupo hostilizado *on-line* e tratado de forma insultuosa resignifica os discursos ofensivos que lhe são imputados, isto é, como quando ofendidos se utilizam dos mais variados recursos para subverter tais insultos ao seu favor e/ou em direção aos seus insultadores, constituindo-se, a partir daí, em práticas discursivas militantes de

resistência. Para dar conta dessa problemática que afeta a maneira como os discursos se organizam não somente do ponto de vista da língua, mas sobretudo do mirante dos princípios que controlam (interna e externamente) a produção e a circulação dos discursos, partimos da análise do discurso compreendida desde seus fundamentos até os desdobramentos mais contemporâneos, sobretudo da noção de resignificação discursiva (PAVEAU, 2021a).

Ciberviolência discursiva

De acordo com Paveau (2021a, p. 61), a ciberviolência discursiva trata-se de diversas formas de violências integrantes e constitutivas dos espaços digitais. Para a análise do discursivo digital, empreendimento epistemológico de Marie-Anne Paveau, para pensar nas formas de manifestação de enunciados violentos nos tecnodiscursos, não se deve levar somente em consideração a transposição da violência social, que atende a diversos critérios de épocas, culturas, ideologias e espaços, para o ambiente digital. Trata-se, com efeito, de buscar compreender as especificidades dos discursivos digitais naquilo que lhe há de intrínseco na gestão da violência.

Dito de outro modo, “A perspectiva da análise do discurso digital implica identificar o que é específico da transgressão dos valores de decência nos ecossistemas conectados” (PAVEAU, 2021a, p. 61). Assim, a perspectiva de estudo da autora francesa estabelece que, de um lado, tem-se discursos em modalidades tecnodiscursivas em que se

pode compreender a produção sistemática da violência verbal, o que, por outro lado, deixa essa violência nos interregnos de formas técnicas e de domínios semânticos da violência.

A título de exemplo, a autora nos diz que, por exemplo, comentários em redes sociais ou em espaços de *web*, de modo geral, seriam funcionalidades/modalidades técnicas, assim como um status, um tuíte, entre outros estão nesta perspectiva. Já conceitos como sexismo, racismo, homofobia, aporofobia, ergasiofobia e anti-intelctualismo são aquilo que ela compreende como domínios semânticos.

Entre essa divisão teórico-metodológica, há, sem dúvida, um número considerável de modalidades construídas ou aperfeiçoadas pelo lastro histórico de usos pragmáticos que servem para o ataque a outrem, sob diversas formas verbal-semânticas, isto é, humilhações, transgressões de valores ético-morais. São, portanto, formas tecnodiscursivas que não se poderiam mediar ou regulamentar tais formas de ataque fora do espaço discursivo digital, sendo atividades sociolinguageiras fundamental e constitutivamente nativas da internet.

A resignificação em discursos nativamente digitais

Antes de adentrarmos neste tópico, é preciso compreender, de modo geral, com quais repertório discursivos Marie-Anne está a colocar em questão de reflexão o que ela se refere à análise do

discurso, sobretudo à análise do discurso digital. Para a pesquisadora francesa, a produção discursiva nativamente digital coloca desafios teóricos e metodológicos que a linguística e as teorias discursivas, em visão não simétrica, não conseguem dar conta de compreender plenamente:

Os discursos produzidos on-line possuem características linguísticas, nomeadamente morfográficas, lexicais, discursivas e semióticas em geral, das quais o corpus teórico da análise de discurso em contexto pré-digital, baseado em uma concepção tradicional das ciências da linguagem, não é capaz de considerar: não está, por exemplo, equipada para dar conta do funcionamento de uma hashtag, para categorizar uma URL, para descrever formas digitais do discurso relatado (tecnodiscurso relatado) ou mesmo para analisar as formas de classificação automática dos enunciados online (através dos buscadores, por exemplo) (PAVEAU, 2021a, p. 57).

Portanto, uma análise do discurso digital deve compreender e se constituir na e pela descrição e análise do funcionamento de discursos (mais ainda, em toda e qualquer produção languageira e não languageira⁶) nativos de ambientes digitais

⁶ Fenômenos sociais languageiros e não languageiros tratam, por um lado, de compreender elementos e expedientes de linguagem (gêneros, textos, estruturas verbais, léxico, entre outros) produzidos na enunciação verbal e não languageiros são elementos e expedientes que adentram o discurso e fazem parte das formas compósitas do discurso digital (como um botão curtir, uma hashtag, formas de comentários) e são constitutivos e necessários ao toda complexo de significação em discursos nativamente digitais.

da internet, em que a ideia de nativamente digitais concerne a

[...] produções elaboradas on-line, nos espaços de escrita e com as ferramentas propostas pela internet, e não aquelas transpostas para o espaço digital conectado após a digitalização de espaços escriturais e editoriais pré-digitais. A análise do discurso digital cria dispositivos metodológicos e teóricos que podem dar conta do funcionamento específico dos discursos nativos da internet (PAVEAU, 2021a, p. 57).

Além disso, discursos nativos digitais, segundo a autora, têm, pelo menos, seis características constitutivas e complementares entre si: **i)** a composição, isto é, discursos digitais são de natureza compósita, em que o linguageiro dos discursos está imbricado a aspectos de natureza técnica-tecnológica da enunciação, compondo, portanto, o não linguageiro de sua dimensão descritivo-analítica; **ii)** a deslinearização, com a qual os discursos digitais, pela sua própria natureza, não necessariamente se enunciam ou estabelecem em uma relação sintagmática/paradigmática, tal qual as formulações linguísticas não digitais preconizam. Isso porque, com a existência de *links*, *hiperlinks* e outras tecnoformas discursivas, pode-se criar igualmente formas distintas de enunciação, não “linearizadas”; **iii)** a enunciação ampliada, isto é, os discursos digitais também possuem, segundo Paveau (2021), uma enunciação ampliada, a qual, por conta de diversas formas de produção enunciativa compartilhadas (escritas colaborativas, comentários, entre outras formas) expandem as compreensões tradicionais de enunciação; **iv)** a relacionalidade

dos discursos digitais os colocam em formas de relação intrínsecas e constitutivas, quer dizer relacionalidade a outros discursos, dispositivos compósitos, linguagem de máquina, escritos e leitores de internet (em separado ou ao mesmo tempo “escredutores”); **v)** a investigabilidade que é, digamos, a disponibilidade irrestrita e de fácil acesso para coleta e resgate das memórias digitais dos discursos, do espaço em que nada se esquece, em que se tem à disposição um conjunto de recursos, técnicas e formas de resgatar, coletar, armazenar, compilar os discursos produzidos no âmbito digital; **vi)** a imprevisibilidade, que seria a dificuldade de algum tipo de previsibilidade, do tipo esperada nos discursos analógicos, aos enunciadores, uma vez que há, nos discursos digitais, formas e usos que são determinadas por ferramentas próprias dos sistemas nativos, como os algoritmos, formas de impulsionamento, programações, usos de inteligências artificiais para prever, direcionar e ler, de forma enviesada, os processamentos de língua a ser tornar linguagem de máquina. Portanto, o que torna, em conjunto e em última instância, discursos digitais muitas vezes imprevisíveis para os enunciadores e para as enunciações discursivas.

É nesse sentido que os estudos discursivos, bem como a própria linguística, para Marie-Anne Paveau, deveriam propor suas análises, compreensões e reflexões críticas acerca da produção linguageira do ambiente nativamente digital sob perspectivas diferentes das práticas linguageiras não nativamente digitais. Assim:

A análise do discurso digital está baseada em uma noção simétrica [...] Uma linguística simétrica [emprestado de Bruno

Latour] confere um lugar equivalente ao linguageiro e ao não-linguageiro na análise linguística, partindo de uma concepção compósita da língua e do discurso. Ela questiona a distinção entre o linguístico e o extralinguístico, estabelecendo um contínuo entre as matérias linguageiras e seus ambientes de produção (PAVEAU, 2021a, p. 58).

Com efeito, é nos domínios dessa compreensão discursiva de Paveau que buscamos uma reflexão crítica em relação à resignificação, a qual seria, em síntese, uma renegociação ou modos de inversão significativa entre discursos (em seus tecnodiscursos) insultosos e efeitos de sentido a sujeitos insultados, dentro do mesmo tema ou querela muitas vezes. Portanto, a resignificação discursiva:

[...] designa o conjunto dos processos de inversão de valores, independente do código semiótico (palavras, cores, noções, imagens, etc.); enquanto a resignificação propriamente linguística, concernente às matérias linguageiras, é mais designada pelos termos *reapropriação* ou *reivindicação*. *Ressignificação* comporta mais semas de sentido que *reapropriação* ou *reivindicação*. [...] A resignificação é argumentativa na medida em que ela constitui um contradiscurso que se opõe a um discurso anterior; ela é, contudo, elíptica, pois ela promove a economia das etapas prototípicas da argumentação (no mínimo dados e lei de passagem). Mas ela possui igualmente uma dimensão qualificadora: ela confere poder, autonomia e liberdade àquele ou àquela que produz uma autodesignação ou um uso valorizante (PAVEAU, 2021b, p. 29, grifos da autora).

Assim, é com essa prática e modo de compreender a resignificação que passemos à análise de um caso brasileiro bastante conhecido e significativo e que nos indicia esse gesto de resignificação.

Um pequeno esboço analítico à luz da discussão teórica

No contexto brasileiro brevemente apresentado e mobilizando, principalmente o conceito de resignificação, pensado como “[...] procedimento léxico-discursivo, que consiste em assumir uma (de)nominação insultuosa para fazer dela um símbolo de identidade ou de orgulho” (PAVEAU, 2021b, p. 89), este texto propõe analisar como o termo “balbúrdia”, comumente mobilizado como *hashtag*, foi ponto de ancoragem de um processo de resistência por parte da ciência brasileira.

Em 2019, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, anunciou uma política de cortes no orçamento da pasta, afetando pesquisadores, estudantes, professores e outros profissionais da educação. Ao cortar 30% das verbas das 60 universidades federais e 40 institutos federais, o escolhido do presidente, Jair Bolsonaro (PSL), disse que instituições de ensino no Brasil “promovem balbúrdia”⁷. A partir dessa fala, diversos pesquisadores,

⁷ Esta fala e outras tantas falas infames do ex-ministro da Educação podem ser vistas em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/18/os-embates-e-ataques-de-weintraub.htm>. Acesso em: 10 jan. 2023.

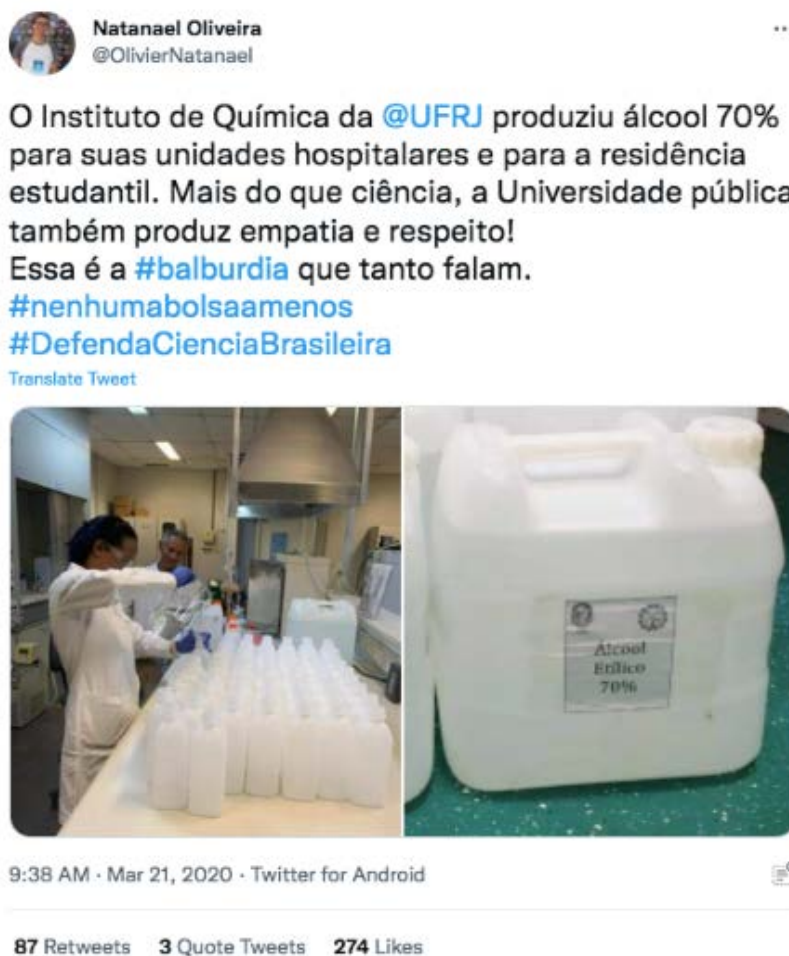
pessoas e entidades representativas envolvidas com educação e pesquisa começaram a utilizar a palavra “balbúrdia”, muitas vezes transformada em *hashtag*, em publicações que divulgam seu trabalho, em resposta direta ao ministro.

Reafirmando a relevância do trabalho científico e educacional no país, esse termo passou a ser palavra de ordem dessa coletividade, que reafirmou sua identidade e importância no contexto brasileiro de forte negacionismo em relação à ciência, de investimento em promover

a desinformação, de estímulo ao discurso de ódio e das diversas violências físicas e simbólica a grupos já historicamente marginalizados. Como podemos observar, nas Figuras 1, 2, 3 e 4, os(as) pesquisadores(as) e outros atores que compõem o campo social, político, simbólico do universo acadêmico-científico brasileiro utilizaram dos mais variados recursos tecnodiscursivos (*posts*, *hashtags*, *memes*, fotomontagens, vídeos etc.) para subverter tais insultos ao seu favor, constituindo a partir daí em práticas discursivas militantes de resistência. Vejamos:

[Figura 1]

Fotografia recipientes plásticos de álcool da Universidade Federal do Rio de Janeiro



Fonte: Oliveira (2020, n.p.)

[Figura 2]

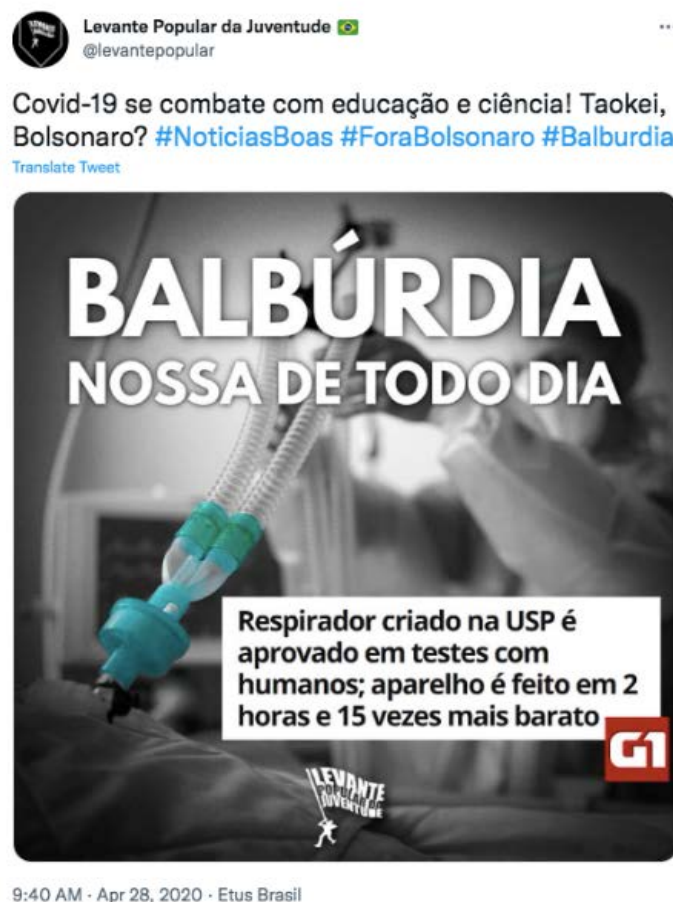
Retweet noticiando a aprovação do Ventilador Respire da Universidade de São Paulo (USP) para testes humanos



Fonte: Melo (2020, n.p.)

[Figura 3]

Tweet com notícia do Portal G1 ressaltando as qualidades de tempo de produção e baixo custo de respirador da Universidade de São Paulo (USP)



Fonte: Levante Popular da Juventude (2020, n.p.)

[Figura 4]
Tweet com informe sobre uma vacina contra covid-19
produzida pela Universidade Federal do Ceará



Fonte: Portugal (2020, n.p.)

Como podemos observar e compreender, teoricamente, as Figuras 1 a 4, um pequeno *corpus* recortado da rede social Twitter, nos apresentam algumas práticas de ressignificação, como resistência e renegociação significativa, que Paveau bem salienta. Isso conseguimos analisar, por exemplo, ao tomar uma série de notícias positivas, com a regularidade da *hashtag* balbúrdia, ressignificadas do discurso outrora com sentido bastante negativo enunciado pelo ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub.

Essa regularidade, portanto, nos mostra que, a partir de uma possibilidade

tecnodiscursiva, ou seja, a existência de uma forma técnica, em espaços nativamente digitais, como Twitter, que permite um modo próprio de interagir e significar, isto é, uma ciberforma de interagir discursivamente, em uma espécie de ecologia discursiva, é possível a pessoas, antes ofendidas com a fala balbúrdia acerca de seu trabalho no campo científico, o poder de usar dessa mesma polêmica em uma ressignificação discursiva de sentidos, tornando-os parte de resposta-resistência, como efeito do resultado ao discurso de ódio contra a ciência, contra universidade, contra o pensamento científico brasileiro e contra

esses sujeitos envolvidos nessa ciberviolência iniciada por Weintraub.

Observa-se, ainda, que essa espécie de resposta-resistência, euforicamente discursivizada nas formas languageiras dos *tweets* e nas imagens que trouxemos à análise, transcende a capacidade temporal e temática dessa caso de discurso de ódio em específico, uma vez que ela produz, de certa forma, uma latente resposta-resistência no discurso nativamente digital, ou seja, uma memória de resposta-resistência sempre rápida, bastante ampliada e pronta a ser mobilizada nas diversas technoformas.

Isso porque a fala inicial sobre balbúrdia, no sentido negativo, preconceituoso, ignorante, anticientífico/antissaber intelectual foi dita em abril de 2019, como vimos, num dado contexto histórico específico. Porém, as respostas-resistência que aqui trouxemos se estenderam e ampliaram em outro contexto histórico, em que o discurso científico volta a ser questionado, a saber, ao tempo da pandemia de covid-19, sobretudo em seus primeiros tempos, 2020-2021.

Com efeito, as resignificações aqui descritas reaparecem realizando um percurso discursivo posto à prova dos diversos desafios que a ciência brasileira se colocou a responder, portanto, resignificando em efeitos de sentidos, em outros contextos de ciberviolência, inclusive, pois igualmente na pandemia o anticientifismo foi bastante forte no Brasil. Ou seja, a partir de tecnodiscursos diversos, a resignificação discursiva pôde ampliar seu espaço conjuntural e histórico de resistência e resposta ao ódio

contra universidade e ciência brasileira, estendendo a enunciação, portanto, a uma recuperação resignificativa, para um tempo-espaco fora da polêmica inicial, mas igualmente útil para os fins de renegociar positivamente os sentidos.

Considerações finais

Brevemente encerrando este texto, podemos dizer que as análises teóricas que aqui trouxemos, ainda que não sejam exaustivas sobre o tema, tampouco finalizem tudo que se há a dizer sobre a complexidade teórica das propostas de Marie-Anne Paveau, bem como sobre resignificação, em sua empreitada de formular uma análise de discurso digital, nos forneceram um pequeno percurso teórico-analítico, a fim de apresentar algumas reflexões acerca da resignificação como uma espécie de arma discursiva contra a ciberviolência que permeia nossa sociedade atualmente. Mais ainda, o artigo se vale de uma análise da resignificação como uma forma de resposta-resistência ao ódio encarnado, seja contra ciência, seja contra sujeitos agredidos, ou seja contra qualquer outra forma de preconceito, ódio, discriminação, digital ou analógica. ■

[SAMUEL PONSONI]

Professor de Educação Superior PES Nível 6,
da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG),
unidade Passos. Graduado em letras,
mestre e doutor em Linguística.
E-mail: samuel.ponsoni@uemg.br

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CASARA, Rubens. **Bolsonaro: o mito e o sintoma**. São Paulo: Contracorrente, 2020.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COSTA, Júlia Lourenço; BARONAS, Roberto Leiser. **Feminismos em convergências: discurso, internet e política**. Portugal: Grácio, 2020.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.
- EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígios, 2021.
- FIRMIANO, Frederico Daia. A ilegalidade do Estado e o colapso do neodesenvolvimentismo no Brasil. **SER Social**, Brasília, v. 18, n. 39, p. 584-609, jul./dez. 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- HARAWAY, D. **Manifeste cyborg et autres essais: sciences - fictions - féminismes**. Paris: Exils, 2007.
- LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. **Covid-19 se combate com educação e ciência! Taokei, Bolsonaro? #NoticiasBoas #ForaBolsonaro #Balburdia**. [S.l.], 28 abr. 2020. E a balbúrdia nas universidades continua!. Disponível em: twitter.com/levantepopular/status/1255114627806978049. Acesso em: 11 jul. 2023.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- KIM, Joon Ho. Cibernética, ciborgues e ciberespaço: notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 199-219, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n21/20625.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2018.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos da comunicação**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**. Campinas, SP: Pontes 2003.

MELO, Maria. **#BoaNoticia e tome #Balburdia !**. [S.l.], 21 abr. 2020. Twitter: mariavaleriam42. Disponível em: <https://twitter.com/mariavaleriam42/status/1252691463932125186>. Acesso em: 11 jul. 2023.

MCLUHAN, Marshall. O. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2005.

MOIRAND, Sophie; GIBIN, Fernando Curtti; COSTA, Julia Lourenço. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. **Revista Linguasagem**, São Carlos, v. 36, n. 1, p. 20-41, 2020.

OLIVEIRA, Natanael. **O Instituto de Química da @UFRJ produziu álcool 70% para suas unidades hospitalares e para a residência estudantil. Mais do que ciência, a Universidade pública também produz empatia e respeito! Essa é a #balburdia que tanto falam. #nenhumabolsaamenos #DefendaCienciaBrasileira**. [S.l.], 21 mar. 2020. Twitter: OlivierNatanael. Disponível em: <https://twitter.com/levantepopular/status/1255114627806978049>. Acesso em: 11 jul. 2023.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021a.

PAVEAU, Marie-Anne. **Os pré-discursos**: sentido memória e cognição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PAVEAU, Marie-Anne; COSTA, Julia Lourenço; BARONAS, Roberto Leiser. **Resignificação em contexto digital**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2021b.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

PORTUGAL, Alice. **Bom dia com boas notícias. #vacinaparatodosjá #vemvacina #balbúrdia**. Twitter: mariavaleriam42. [S.l.], 18 maio 2020. E a balbúrdia nas universidades continua!. Disponível em: twitter.com/alice_portugal/status/1394636153920368647. Acesso em: 11 jul. 2023.